

O progressismo nu nas eleições equatorianas

Via [IHU On-line](#)

Em 7 de fevereiro, foi disputado o primeiro turno das **eleições** presidenciais no **Equador**. Dentre os candidatos que se apresentaram, três foram competitivos. O jovem economista [Andrés Arauz](#), de 37 anos, representa o **correísmo**, versão equatoriana do progressismo latino-americano. [Guillermo Lasso](#) é um banqueiro e político das antigas, que representa exatamente isso. A novidade foi a candidatura de [Yaku Pérez](#) pelo movimento **Pachakutik**, organização na qual converge muito das **lutas indígenas** no país.

Em poucas horas, a maior parte das urnas foi apurada. Com quase 1/3 dos votos, **Arauz** passou para o segundo turno, apesar de não receber uma votação massiva como o **MAS** boliviano no ano passado. Na disputa pelo segundo lugar, **Yaku** levava ligeira vantagem sobre **Lasso**: com 99,26% das urnas apuradas, tinha 20,09% dos votos e Lasso, 19,5%.

Entretanto, o por cento final dos votos, tardou quase uma semana em ser apurado. Anunciado na madrugada de sábado para domingo, o resultado favoreceu **Lasso**, por 19,74% contra 19,39%.

O que está em disputa neste pleito? Por que a demora? Como entender seu resultado?

O progressismo internacional interpretou esta eleição como uma disputa entre esquerda ([correísmo](#)) e direita ([Lasso](#)). Nesta chave, a candidatura do **Pachakutik** foi comumente identificada com um “**cavalo de Tróia**” da direita [1].

Esta leitura tem dois problemas de fundo, que estão interligados.

Em primeiro lugar, faz vista grossa sobre os aspectos **antidemocráticos** e **antipopulares** das administrações de [Rafael Correa](#) (2007-17). Um governo que transformou o **Bem Viver** em adereço de marketing, enquanto acelerou a exploração dos territórios. Como decorrência, **conflitos socioambientais** se intensificaram, e a resposta governamental combinou difamação e repressão. Ao mesmo tempo, modernizou o aparato estatal, disciplinado para fins partidários: no **Equador** como na **Bolívia** (e na **Venezuela**), a independência das instituições foi comprometida [2].

Beneficiado pelo boom das **commodities**, [Correa](#) fez na melhor das hipóteses, “melhor as coisas, com o mesmo modelo de acumulação”, segundo suas próprias palavras. E na pior, avançou um projeto de poder centralizado e personalista: uma “**revolução cidadã**”, sem cidadãos.

Este quadro ilumina a **ruptura** de **Correa** com seu sucessor e ex-colega de partido, [Lenin Moreno](#). É certo que **Moreno** se aproximou da oligarquia tradicional para se diferenciar de **Correa**. É certo que, frente à crise do petróleo, apertou o ajuste estrutural, que teve um [basta das ruas em outubro 2019](#). É certo que **Moreno** concluiu seu mandato com baixíssima aprovação. No entanto, as disputas judiciais entre **Moreno** e o **correísmo** não devem ser vistas pelas lentes da esquerda contra a direita, mas como diferentes **facções** que disputam o poder estatal.

E o efeito colateral mais importante desta disputa fratricida, foi abrir espaço para uma novidade à esquerda: uma **alternativa** ao progressismo e à política oligárquica. Aí reside a singularidade do que ocorre no **Equador**, que a ideologia do “**cavalo de Tróia**” oculta: o novo eleitoral não tem o cheiro do fascismo, como no **Brasil**, nem o bolor do velho, como na **Bolívia**.

É possível criticar aspectos da candidatura de [Yaku Pérez](#), como fizeram por dentro do próprio **Pachakutik**, **Leonidas**

Iza e Jaime Vargas. Mas é preciso entendê-la, na forma e no conteúdo.

Foi uma campanha escorada na militância e não no dinheiro: quem visitar o instagram de **Yaku Pérez** descobrirá um candidato que viajou o país se alojando na casa dos apoiadores. Aliás, sua companheira relata que, quando quis ajudá-lo com seu instagram no início da campanha, **Yaku** sequer tinha crédito no celular.

Como conteúdo, é uma candidatura que defende a **natureza**, os territórios e a água. Em uma palavra, se contrapõe ao **desenvolvimentismo latino-americano**.

Esta candidatura esteve a um fio de passar ao segundo turno, onde se beneficiaria do rechaço popular ao [correísmo](#) (atestado por qualquer um que circule no **Equador**) e seria favorita. Neste contexto, o movimento **Pachakutik** denuncia **fraude eleitoral**. Sua leitura é que a demora da apuração se deve à cálculos políticos: o **correísmo** avaliou que **Lasso** será presa fácil, e negociaram com este setor, o desfecho do primeiro turno.

Quem considera absurda esta hipótese, deve lembrar que [Correa](#) sempre considerou o “esquerdismo”, o “ecologismo” e o “indigenismo” como os piores **inimigos** do seu projeto – segundo suas próprias palavras. E que banqueiros e exportadores primários, lucraram muito em seus governos. Também deve notar que as solicitações de **recontagem dos votos** do movimento **Pachakutik** pelos canais legais, foram **negadas**.

A verdadeira questão com que a esquerda se defronta, não é difamar a candidatura **Pachakutik**. Mas é entender porque no **Equador** se repete uma trajetória, em que o [progressismo](#) no poder se degrada e se corrompe, derivando em uma política personalista e autoritária que a esquerda sempre critica, quando o estado não é deles.

Não idealizo o movimento **Pachakutik** nem **Yaku Perez**. Mas para quem se preocupa com o que acontece no planeta, na ecologia como na política, está claro que eles são parte da solução. O problema está em quem os difama, e não em quem os apoia.

Notas:

[1] Saiba quem é **Yaku Pérez**: possível candidato no segundo turno no Equador que apoiou golpe contra Dilma e outros na América Latina. Disponível [aqui](#).

[2] A título de exemplo, recordemos as manobras de **Morales** para aprovar sua quarta candidatura consecutiva, e de **Maduro** para impugnar três deputados nas eleições de 2015, privando a oposição de maioria absoluta.